

UMA PROPOSTA DE LEITURA DA VIDEOANIMAÇÃO “MORTE E VIDA SEVERINA”: SINALIZAÇÕES DIDÁTICO- METODOLÓGICAS

Táisa Rita Ragi¹

Helena Maria Ferreira²

Resumo: Com a significativa evolução tecnológica vivenciada pela sociedade nos últimos anos, houve uma transmutação de gêneros textuais e, em decorrência, têm surgido novos modos de interação. Assim, com as possibilidades de acesso aos gêneros que circulam em espaços digitais, é fundamental que as escolas insiram em seus currículos propostas de estudos com relação aos textos multimodais, a fim de desenvolver nos alunos a capacidade de ler tais textos e compreendê-los. Nesse viés, o presente artigo busca analisar recursos semióticos constitutivos da videoanimação “Morte e Vida Severina”, embasada no poema do mesmo nome, com vistas a demonstrar as potencialidades que a combinação de semioses pode trazer para o processo de produção de sentidos. A pesquisa parte de uma metodologia bibliográfica que busca compilar estudos acerca da teoria da Semiótica Social (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; HODGE; KRESS, 1988; HOLANDA, 2013; GUALBERTO; SANTOS, 2019) e sobre o gênero videoanimação (ALVES; BATTAIOLA; CEZAROTTO, 2016; ALMEIDA; ALMEIDA, 1998; STEIN, 2000; VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2019). A análise compreendeu uma seleção de excertos do poema e de cenas da videoanimação correspondentes a cada excerto, para que se pudesse comparar os modos de representação na produção escrita e na configuração audiovisual. Como resultado, verificou-se que a videoanimação analisada apresenta potencialidades para o aperfeiçoamento de habilidades de leitura por parte dos estudantes, uma vez que os recursos semióticos usados na animação contemplam dimensões linguísticas e discursivas que mobilizam conhecimentos culturais, incitam a curiosidade e a percepção, estimulam o envolvimento emocional e a criticidade.

Palavras-chave: Semiótica Social. Videoanimação. Textos Multimodais. Gêneros textuais. Espaços digitais.

1 Graduanda em Letras- Português Inglês pela Universidade Federal de Lavras. Cidade. Lavras/ Minas Gerais. E-mail: taisaragi@gmail.com

2 Professora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação em Letras, pela Universidade Federal de Lavras. Cidade. Lavras/Minas Gerais. E-mail: helenafeirreira@ufla.br.

A PROPOSAL FOR READING THE VIDEO ANIMATION “MORTE E VIDA SEVERINA”: DIDACTIC-METHODOLOGICAL SIGNALS

Abstract: With the significant technological evolution experienced by society in recent years, there has been a transmutation of textual genres and, as a result, new modes of interaction have emerged. Thus, with the possibilities of accessing the genres that circulate in digital spaces, it is essential that schools include in their curricula proposals for studies in relation to multimodal texts, in order to develop the students' ability to read such texts and understand them. In this perspective, this research aims at analyzing the semiotic resources constituting the video animation “Morte e Vida Severina”, based on the poem of the same name, in order to demonstrate the potential that the combination of semiosis can bring to the process of producing meanings. The research is based on a bibliographic methodology that seeks to compile studies on the theory of Social Semiotics (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; HODGE; KRESS, 1988; HOLANDA, 2013; GUALBERTO; SANTOS, 2019) and the video animation genre (ALVES; BATTAIOLA; CEZAROTTO, 2016; ALMEIDA; ALMEIDA, 1998; STEIN, 2000; VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2019). The analysis included a selection of excerpts from the poem and scenes of video animation corresponding to each excerpt, so that the modes of representation in written production and audiovisual configuration could be compared. As a result, the analyzed video animation has potential for the improvement of reading skills by students, since the semiotic resources used in animation include linguistic and discursive dimensions that mobilize cultural knowledge, incite curiosity and perception, they encourage emotional involvement and criticality.

Keyword: Social Semiotics. Video animation. Multimodal Texts. Textual genres. Digital spaces.

1 Introdução

Nas últimas décadas, temos observado inúmeras mudanças nas interações sociais com a ampliação da disseminação das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Essas ações têm contribuído para a socialização de informações, para a aquisição de conhecimentos e para o desenvolvimento de diferentes habilidades relacionadas às práticas de leitura e de produção textual. Além disso, essas interações possibilitaram o surgimento ou a transmutação de gêneros textuais³, o que tem intensificado a circulação de textos constituídos por múltiplas linguagens. Nesse ínterim, os diferentes gêneros textuais e a multiplicidade de semioses constitutivas desses gêneros têm sido objeto de estudo de estudiosos de várias linhas teóricas. Esse

3 Em conformidade com Zavam (2012, p. 12), a transmutação pode ser entendida “como um processo constitutivo dos gêneros, já que nenhum gênero, quer seja primário, quer secundário, permanece inalterável no curso de suas manifestações. Esta nossa proposição nos leva a ressaltar a estreita imbricação entre história da sociedade e história dos gêneros do discurso. Se a sociedade se transforma, transformam-se também os gêneros, não importando de que natureza sejam. [...] A transmutação é, pois, se assim podemos dizer, um processo auto e heteroconstitutivo dos gêneros. Dessa forma, tanto podemos flagrar a transmutação na absorção de um gênero de uma esfera em outro de outra esfera, a carta no romance, por exemplo, quanto a transmutação no interior do gênero que absorve outro, o romance “inovado”.

crescimento do interesse pelos textos multimodais⁴, que fazem uso de diferentes elementos semióticos em sua organização composicional e discursiva, ocorre pelo fato de esses gêneros terem uma circulação mais ampla, em função do maior acesso à Internet.

No entanto, não nos parece suficiente garantir o acesso aos diferentes gêneros, é relevante que as instituições escolares insiram em seus currículos propostas de exploração de textos multimodais, de modo a desenvolver nos alunos habilidades que possam garantir a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas por práticas de linguagem (oralidade, leitura, produção de textos, análise linguístico-semiótica e discursiva). Nesse sentido, o trabalho tem por objetivo analisar recursos semióticos constitutivos da videoanimação “Morte e Vida Severina”, que consiste em uma adaptação fílmica homônima do poema de João Cabral de Melo Neto, a fim de compreender as potencialidades que a combinação de semioses pode trazer para o processo de produção de sentidos.

A discussão proposta se justifica pela potencialidade de favorecer uma abordagem curricular que contempla a leitura de textos multimodais na sala de aula, que, por sua vez, não contribui apenas com a formação linguístico-semiótico-discursiva dos estudantes, tal como propõe a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), mas também para ampliar as possibilidades de participação na vida social.

Desse modo, esta pesquisa é constituída por um estudo bibliográfico, que busca compilar estudos acerca da teoria da Semiótica Social (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; ODGE; KRESS, 1988; HOLANDA, 2013; GUALBERTO; SANTOS, 2019) sobre o gênero videoanimação (ALVES; BATTAIOLA; CEZAROTTO, 2016; ALMEIDA; ALMEIDA, 1998; STEIN, 2000; VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2019). Além disso, a pesquisa contempla uma análise de “Vida e Morte Severina”⁵, em duas configurações de gêneros textuais: poema e videoanimação, abarcando os recursos semióticos utilizados pelos produtores para a construção do projeto de dizer e para a interação com leitores-espectadores. Problematicar as práticas de leitura literária, em diferentes múltiplas possibilidades significantes permite uma análise sobre os modos de organização dos textos e sobre as potencialidades das escolhas linguístico-semiótico-discursivas para o processo de produção de sentidos,

4 Embora alguns pesquisadores façam a distinção entre textos multimodais e multissemióticos, nesta pesquisa essa distinção não será objeto de discussão. Parte-se do pressuposto de que todo texto é multimodal, mas, com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, a combinação de modos e recursos semióticos foi intensificada e ampliada, uma vez que houve alterações significativas no processo de circulação dos textos e no processo de coprodução por parte dos interlocutores, seja por meio de (re)edições, seja por meio de comentários.

5 “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, obra publicada no ano de 1955. As referências utilizadas neste artigo, encontram-se disponível em: livro com o poema: < <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Joao%20Cabral%20de%20Melo%20Neto.pdf>>. Já a videoanimação encontra-se disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>>.

seja para possibilitar o desenvolvimento do senso estético, seja para compreensão do valor do texto literário e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, bem como ao potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. A análise comparativa de diferentes gêneros pode propiciar a compreensão de produções que trazem o mesmo enredo, mas com diferentes modos de representação. Soma-se a isso, a possibilidade de demonstrar que os processos de retextualização⁶ demandam novos comportamentos e novas habilidades de leitura, o que é relevante para a formação de um leitor ativo responsivo⁷.

Considerando a articulação com os processos de ensino e de aprendizagem que este trabalho busca construir, assumimos uma proposta de reflexão acerca da formação de leitores proficientes, que se constitui como uma preocupação didático-metodológica, seja para um olhar crítico sobre o trabalho com a multimodalidade em sala de aula, seja para a análise crítica de gêneros textuais que estão presentes no cotidiano dos alunos.

2 Contextualizando a Semiótica Social

Ao discorrermos sobre a Semiótica Social, partimos do conceito de van Leeuwen (2005), que considera que esse campo tem como objeto de estudo os modos como os recursos semióticos são escolhidos e organizados pelas pessoas para produzirem textos ou para interpretar eventos, nos diferentes contextos de situações sociais e práticas de linguagem específicas, uma vez que “essa ciência se ocupa da análise dos signos na sociedade, cuja função principal é o estudo da troca de mensagens veiculadas por signos verbais ou não verbais, ou seja, das interações que se estabelecem nos diversos contextos sociais [...]” (FERREIRA, MELO, RAGI, 2020, p. 197).

Complementando o exposto, Santos e Pimenta (2014) pontuam que a Semiótica Social contempla três dimensões: escolha, contexto e função. A primeira delas corresponde à noção de escolha do sistema de linguagem. Para as autoras supracitadas, “quem produz um signo escolhe o que considera ser a representação mais apropriada do que se quer significar, ou seja, o interesse orienta a seleção

6 De acordo com Matencio (2003, p. 4) “textualizar é agenciar recursos linguageiros e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência”.

7 Em conformidade com Bakhtin e Volóchinov (2004, p. 132) “A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão”. Nessa perspectiva, entendemos que compreender não é se posicionar discursivamente sobre algo, mas contra argumentar o discurso do outro. Assim, o leitor ativo responsivo é aquele que ao ler o texto se posiciona perante ele.

dos atores sociais guiados pelos meios formais de representação e comunicação” (SANTOS; PIMENTA, 2014, p. 299). Nesse viés, as autoras defendem que a Semiótica Social propõe uma leitura de “processos ideológicos e de poder, tomando a dimensão de análises políticas, historicizadas e críticas, pois procura desvendar os caminhos seguidos pelos produtores [...]” (SANTOS; PIMENTA, 2014, p. 299).

Podemos considerar que as escolhas semióticas são realizadas em conformidade com o contexto de produção (gênero discursivo, (potenciais) interlocutores, suporte textual, conteúdo temático, propósito enunciativo, momento histórico, questões cultural-ideológicas etc.). De acordo com Santos e Tiburtino (2019, p. 155),

Nas interações linguísticas do dia a dia, desejamos comunicar, construir sentidos. Para isso, temos à disposição um grande número de escolhas, um grande número de recursos semióticos que podemos utilizar na criação de várias composições. Logo, nas interações por meio da linguagem, modos semióticos distintos podem ser combinados e até mesmo transformações podem ser criadas. Podemos transformar a escrita em uma imagem, a imagem em texto escrito ou fala, o texto escrito em gestos dentre outras mudanças.

A segunda dimensão diz respeito às configurações de significado a partir do contexto. Nessa direção, é relevante considerar a importância do signo e suas contribuições ao significado/sentido.

A ideia de significado favorece a manutenção da estabilidade/previsibilidade dos signos (relação significante e significado) o que se configura como uma força estabilizadora para uma determinada comunidade de interlocutores. A ideia de sentido(s) favorece o potencial plástico dos signos, segundo os usos sociais nos diversos contextos textuais.

Na ótica de Kress (2010), essa força social retira do indivíduo qualquer possibilidade de mudança nos signos ou na relação destes com o sistema de signo. Tomando como premissa que os signos são motivados, mesmo que admitíssemos que os signos fossem arbitrários, essa arbitrariedade não residiria no próprio signo e sim no poder social em manter a relação forma/ sentido. Pensar a natureza dos signos pelo viés socio semiótico é agasalhar a ideia de que os “signos são construídos - não usados - por um produtor de signo que dá sentido a uma combinação adequada com a forma, uma seleção/escolha moldada pelo interesse desse produtor”⁸ (Kress, 2010, p. 62)

Desse modo, ao considerar o processo de produção de sentidos, não se leva em consideração apenas o “signo” por si, mas também “a realização material, de acordo com as *possibilidades (affordances) de cada modo*” (GUALBERTO; SANTOS, 2019,

8 “In the view of Kress (2010), this social force removes from the individual any possibility of change in signs or in their relationship with the sign system. Taking as a premise that signs are motivated, even if we admitted that the signs were arbitrary, this arbitrariness would not reside in the sign itself, but in the social power to maintain the form/meaning relationship. Thinking about the nature of signs through a sociosemiotic bias is to embrace the idea that “signs are constructed - not used - by a sign producer who gives meaning to an adequate combination with form, a selection/choice shaped by the interest of that producer” (Kress, 2010, p. 62). Traduzido pela autora

p. s/p - grifos das autoras). Para as autoras, na fala, por exemplo, a intensidade (altura e tom de voz) pode ser marcada na escrita por recursos gráficos (negrito ou caixa alta) e na imagem, por recursos de modalização (cor e brilho). Nessa perspectiva, o texto literário se configura como uma produção notadamente potencializadora de aprendizagens, uma vez que explora diferentes modos para o processo de produção de sentidos.

No que se refere aos *modos*, estes são definidos como os meios pelos quais o signo se torna evidente - visível, tangível, audível (Gualberto; Kress 2019:1). O termo também é utilizado para se referir a um conjunto de recursos socialmente e culturalmente moldados para a produção de sentido. Assim, segundo Kress (2010), o modo é o que uma comunidade considera como tal e utiliza em suas práticas sociais. Logo, o que uma comunidade decide considerar e usar com regularidade como modo é um modo. Se há uma comunidade que usa, por exemplo, fonte, *layout*, cor, com uma regularidade, consistência e premissas compartilhadas, esses recursos são modos para este grupo (GUALBERTO; SANTOS, 2019, p. s/p) (grifos das autoras).

Ao nos reportar ao contexto, é relevante considerarmos que as produções multimodais são constituídas por um conjunto de recursos semióticos que circulam em uma comunidade, configurando-se, desse modo, como uma produção cultural. Dessa forma, os significados são acordos sociais que orientam o processo de comunicação entre sujeitos e os sentidos são produzidos a partir das escolhas realizadas pelos produtores para a construção do projeto de dizer e a partir das interações com os interlocutores.

A terceira dimensão diz respeito às funções semióticas da linguagem, que foram formuladas a partir da teoria da Gramática Sistemico-Funcional de Halliday (1985). Citando o autor, Santos (2014, p. 2) postula que

Essa noção é vista como o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo aos muitos e variados tipos de demanda. A linguagem se desenvolveu para satisfazer as necessidades humanas, e o modo como ela é organizada é funcional com respeito a essas necessidades. [...] O autor ainda pontua que essas metafunções não atuam de forma isolada, mas interagem na construção do texto conferindo-lhes um caráter multifuncional.

Analisar as produções textuais, na perspectiva dessas metafunções, pode favorecer uma abordagem mais abrangente, uma vez que cada metafunção abarca uma dimensão analítica. Apoiando-se na abordagem das três metafunções propostas por Halliday (1985), Kress e van Leeuwen (2006) ampliam a teorização para os textos imagéticos.

A proposta de Halliday (1985), intitulada como Gramática Sistemico-Funcional (GSF), determina para os componentes funcionais da língua três metafunções: 1) ideacional, 2) interpessoal, 3) textual. De acordo com o autor, a primeira função está ligada ao processo de contextualização, ou seja, à articulação entre o mundo e a representação de uma realidade existente em um texto. É por meio dessa interação entre referências e as representações que os sujeitos produzem

significados e sentidos, a partir de suas experiências e vivências e dos conteúdos que os enunciados suscitam.

A segunda metafunção é a interpessoal: que é tomada como um evento interativo, envolvendo participantes representados (as pessoas, os lugares e coisas) e participantes interativos (as pessoas que participam das interações). Essa metafunção favorece um olhar para as interações entre os interlocutores.

Como última metafunção, tem-se a função textual que ocorre através do uso da linguagem na organização textual do texto, seja de maneira oral ou escrita. Desse modo, nessa função, diferentes significados são combinados em torno de uma estrutura Tema/Rema e Dado/Novo. O constituinte tema é o ponto de partida da oração, que a orienta de acordo com a situação, enquanto o rema é todo o restante da sentença. Além disso, há a informação semântica existente no texto, que é proposta pelo Dado/Novo, em que “a informação dada – aquela que se encontra na consciência dos interlocutores e pode ser recuperada pelo contexto – estabelece pontos de ancoragem para aporte da informação nova” (SANTOS; PIMENTA, 2014, p. 311).

Baseados na proposta de Halliday (1985), com foco no princípio das metafunções, Kress e van Leeuwen (2006) propuseram que as estruturas visuais se assemelham às estruturas textuais, e idealizaram a Gramática do Design Visual (GDV), considerando o contexto de uso de textos imagéticos (no formato estático), juntamente com o intuito de compreenderem como os padrões de experiência, interação social e as posições ideológicas são construídas/pensadas.

A primeira metafunção da GDV, elencada por Kress e van Leeuwen (2006), trata-se da função representacional, que ocorre através da relação entre as potencialidades do sistema semiótico ao representar objetos, personagens etc. Nesse sentido, na função há dois tipos de participantes: 1) participantes interativos, que são as pessoas que participam das interações; 2) participantes representados, que são pessoas ou objetos representados na imagem. Nas imagens estáticas, a indicação de ações e/ou estados é realizada por meio de vetores, que correspondem à ideia de verbos na modalidade verbal.

Além disso, em relação à natureza dos eventos representados pelas imagens, os autores destacam dois tipos: narrativo (envolve ações, eventos e agentes) e conceitual (envolve participantes em termos de sua essência: de sua classe, estrutura ou significado/sentido).

A segunda metafunção é a interacional, que ocorre por meio da relação entre as interações estabelecidas dos participantes interativos (produtor da imagem e leitor) e participantes representados (personagens da imagem). Em conformidade com Kress e van Leeuwen (2006), tais representações ocorrem pelos seguintes mecanismos: olhar – demonstrando a existência de uma relação de maior ou menor proximidade; enquadramento – é a representação imaginária da imagem e ocorre por meio de diferentes planos; perspectiva: é o ângulo que é usado na imagem (ângulo frontal; ângulo oblíquo; ângulo vertical.), e por fim, tem-se a modalidade,

em que se verifica a credibilidade da imagem por meio de dimensões que buscam imprimir sentidos mais aproximados de contextos concretos ou abstratos.

A terceira metafunção é denominada composicional e se relaciona ao modo como elementos que compõem a imagem são organizados e combinados para integrar a cena enunciativa. Para a análise, essa metafunção abarca três dimensões: valor da informação, que se refere à posição que cada elemento ocupa dentro da imagem; a saliência, que trata dos destaques realizados nas imagens por meio de efeitos de cores, tamanho e contraste e por fim, o enquadramento que une ou não os elementos de uma imagem, indicando se pertencem a parte central da imagem ou não.

Em linhas gerais, a primeira metafunção (ideacional/representacional) diz respeito aos modos de entender o mundo e falar de coisas e eventos, a segunda metafunção (interpessoal/interacional) relação entre os interlocutores e de agir sobre os outros, a terceira metafunção direciona-se para a organização do texto, dando relevância a determinados aspectos.

Desse modo, a análise de textos multimodais abarca as dimensões linguísticas, semióticas e discursivas. Para Hodge e Kress (1988), uma produção textual tem direcionalidade: ela é produzida por alguém e para alguém, emerge de um contexto social e possui um propósito comunicativo. Os autores consideram que as produções semióticas não se circunscrevem como uma acumulação de mensagens verbais. Há outros modos semióticos, além da linguagem verbal. Assim, a Semiótica Social demanda um estudo sistemático, compreensível e coerente do fenômeno da comunicação como um todo, o que contempla, inerentemente, a dimensão social dos sistemas semióticos, ou seja, as interações sociais e os papéis que cada sujeito desempenha. Esse campo contempla as funções, os contextos e os efeitos. Para Holanda (2013, p. 37), a Semiótica Social considera “que o signo não deve ser tratado somente como ligação de significante e significado, mas usado como um todo, para reforçar a necessidade de dizer que a semiótica social lida com a semiose humana como fenômeno social”.

Nessa direção, é relevante nos reportar a dois conceitos basilares propostos por Kress e van Leeuwen (2006) que consideram que a Semiótica Social contempla dois níveis de organização textual: a representação e a comunicação. Em relação à representação, os autores a consideram como um complexo processo de produção de sentidos, que acontece de modo conectado à “história cultural, social e psicológica do produtor do signo e focalizado pelo contexto específico no qual o signo é produzido” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 6).⁹ No que diz respeito ao processo de comunicação, Kress e van Leeuwen (2001, p. 20) o definem como “um processo no qual um produto ou evento semiótico é ao

9 “[...] “cultural, social and psychological history of the sign producer and focused on the specific context in which the sign is produced” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 6) traduzido pela autora.

mesmo tempo articulado ou produzido e interpretado ou usado”¹⁰. Sendo assim, o modelo em que a articulação e a interpretação se conjugam e a comunicação depende da “comunidade interpretativa” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001), ou seja, é necessário que haja a interpretação do conhecimento semiótico para que os sentidos sejam compreendidos/(re)construídos.

Ao abordar a relação entre representação e comunicação, dimensionada em uma perspectiva discursiva, é relevante destacar a magnitude do conceito de multimodalidade para o processo de produção de sentidos e para uma adequada análise das especificidades dos processos de produção, de circulação e de recepção dos textos e dos discursos.

De acordo com Santos e Pimenta (2014), o campo da multimodalidade é um lugar destinado à exploração da produção de significados/sentidos, levando em consideração os diversos recursos semióticos para a análise/interpretação. Aprofundando o tratamento da questão, Santos (2011) considera que a abordagem multimodal busca compreender as diversas articulações dos modos semióticos presentes em contextos sociais. Para o autor, multimodalidade “envolve um complexo jogo entre textos escritos, cores, imagens, elementos gráficos e sonoros, enquadramento, perspectiva da imagem, espaços entre imagem e texto verbal, escolhas lexicais [...]” (SANTOS, 2011, p. 3). A abordagem multimodal é a junção de diversos elementos semióticos que compõem os textos, principalmente os textos digitais, que fazem uso de diferentes semioses, de modo mais recorrente¹¹.

10 “a process in which a semiotic product or event is both articulated or produced and interpreted or used” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 20) traduzido pela autora

11 Vale advertir que a conceituação de modos semióticos e recursos semióticos variam entre autores. Kress (2010, p. 79) considera que “modos são recursos semióticos socialmente enquadrados e culturalmente dados para produzir significado. Imagem, escrita, layout, música, gestos, fala, imagem em movimento, trilha sonora e objetos em 3D são exemplos de modos usados na representação e na comunicação. Kress complementa que o modo é o “resultado de uma modelagem cultural de um material”, ele mostra regularidade pelas maneiras como as pessoas o empregam, permitindo a realização simultânea de discurso e tipos de inter(ação), enquanto recursos semióticos são ações, materiais e artefatos que usamos com propósitos comunicativos. Modo tanto na perspectiva da semiótica social quanto na análise multimodal interacional é visto como socialmente construído, podendo ser afetado pelos contextos histórico, cultural e situacional em que é usado. Nas situações de interação, os participantes empregam os modos mais adequados, significativos para aquele contexto da situação. Já em relação aos recursos semióticos Van Leeuwen os define como: [...] ações, materiais e artefatos que usamos para comunicar, sejam eles produzidos fisiologicamente- com nosso aparato vocal; com os músculos que nós usamos para criar expressões faciais e gestos, ou por meio da tecnologia, com caneta, papel e tinta, com hardware ou software do computador, em conjunção com os modos no quais esses recursos podem ser organizados”. Sendo que alguns recursos semióticos têm um significado potencial baseado nos seus usos passados, e um conjunto de *affordances* baseadas nos seus possíveis usos, e isso vai ser realizado em contextos sociais concretos em que sua utilização está sujeita a alguma forma de regime semiótico (VAN LEEUWEN, 2005, p. 285). As *affordances* são o potencial e as limitações que um material pode oferecer para a elaboração do potencial de significado.

Diante do exposto, é relevante considerar ainda que os diversos elementos semióticos são indiciadores de sentido. Vieira e Silvestre (2015, p. 117) propõem que

todos os elementos provenientes de sistemas semióticos diversos que ocorrem na construção de um texto multimodal podem ser analisados, relacionados uns com os outros e interpretados em termos das escolhas feitas entre os recursos semióticos disponíveis e em termos das suas contribuições para a função social e comunicativa do texto.

Nesse viés, Kress (2010) considera que a multimodalidade se relaciona aos vários modos semióticos (linguagem, imagem, música, gestos, arquitetura, dentre outros) que são realizados a partir de várias modalidades sensoriais (visual, auditiva, tátil, olfativa, gustativa e cinética).

Para Kress e Van Leeuwen (2001), a teoria da comunicação multimodal abarca duas questões: (a) os recursos semióticos de comunicação, os modos e os meios utilizados, e (b) as práticas comunicativas vistas como multicamadas que incluem práticas discursivas, produtivas e interpretativas, bem como incluir práticas do design ou de distribuição (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001). Segundo os autores, os textos multimodais são vistos como múltiplas articulações, devido à multiplicidade de conhecimentos presentes na estrutura social, desse modo, os autores elencam três domínios: design, produção e a distribuição. Pautando-se em Kress e van Leeuwen (2001, p. 4), Santos (2011, p. 4-5) caracteriza cada um desses domínios, afirmando que

O termo design designa os próprios recursos semióticos ou o uso desses recursos. É a combinação de todos os modos semióticos utilizados, ou seja, a organização do que será articulado. Os autores afirmam que no design incluem-se o hábito, a convenção, a tradição e a inovação, pois, o discurso é realizado num contexto de uma dada situação de comunicação, o design é criado a partir dessas convenções e desses conhecimentos socialmente constituídos, que somente poderão ser alterados numa interação social. A produção é o uso comunicativo do meio e dos recursos materiais. É o trabalho físico seja por humano ou máquinas, um trabalho físico de articular texto, [...] é a organização da expressão ou do meio de execução do que foi elaborado no design. O meio de produção está intimamente associado com os diferentes canais sensoriais, porque cada meio está caracterizado por uma configuração particular de qualidade material, e cada uma destas qualidades materiais está ligada por um conjunto particular de órgãos sensoriais. A distribuição é a forma como é veiculado o produto para o mercado. É a distribuição desse produto em um dado suporte como, por exemplo, revistas, jornais, televisão entre outras muitas formas de veiculação.

A partir dos três domínios mencionados acima, nota-se que a multimodalidade tematiza questões basilares: modos de organização dos textos, modos como os textos são produzidos em sua materialidade e modos como os textos são socializados. Compreender como ocorre o processo de significação dos elementos semióticos é de extrema importância, pois é, por meio dessa ação, que os leitores poderão realizar uma interpretação crítica das interações realizadas. A análise do processo de

textualização (recursos semióticos, contexto de produção, projeto de dizer) “pode propiciar o desenvolvimento da competência discursiva do espectador para interagir nas situações da realidade cotidiana e na leitura das representações propostas pelas produções fílmicas ficcionais ou documentais” (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2017, p. 82).

Nesse sentido, podemos compreender que a abordagem multimodal pode contemplar recursos semióticos isolados (cores, expressões faciais, gestos, sons, enquadramento etc.), mas deve considerar a articulação entre as semioses, uma vez que o processo de produção de sentidos é decorrente da interligação estabelecida entre as semioses num determinado texto. Para Kress (2003), a multimodalidade exige do sujeito-leitor um papel ativo para compreender o jogo complexo estabelecido entre informação verbal, imagens estáticas ou em movimento, cores, gestos ou efeitos sonoros presentes nos textos multimodais, o que implica novas formas de pensar, ler, ouvir e interpretar.

Ampliando essa discussão, Rojo (2012, p. 19) defende que os textos impressos ou digitais apresentam “imagens, arranjo de diagramação que impregnam e fazem significar os textos contemporâneos”. Tais arranjos são caracterizados pelos sons (fala, música e outros), expressões gestuais ou corporais, diagramação, imagens estáticas ou em movimento, cores, enquadramento e outros elementos que não afeta o sentido do texto, mas que exige que o leitor possua “capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2012, p. 19).

Pensando nesses “novos” textos, o Grupo Nova Londres (New London Group – NLG, 1996) elenca a importância de o sujeito compreender não apenas as abordagens tradicionais de leitura e escrita, mas também o que é novo nos modos como as pessoas interagem na contemporaneidade. O referido Grupo destaca a relevância da pedagogia dos multiletramentos em sala de aula, com o intuito de propor aos alunos e professores uma redefinição dos textos e práticas, uma vez que há uma formação que os habilite para a “reconhecer múltiplas formas de comunicação e construção de sentidos, incluindo os modos visual, auditivo, espacial, comportamental e gestual” (NLG, 1996, p. 64).

Logo, podemos considerar as especificidades das semioses mais relevantes, que compõem as produções textuais que circulam em meio digital (QUADRO 1). Essas semioses são indiciadoras de sentidos e orientam o percurso interpretativo.

Quadro 1: As semioses e suas caracterizações

Semioses	Caraterização
Cores	<p>São produções culturais que imprimem relevância aos acontecimentos que integram a situação discursiva, implicando sentidos diversos aos textos. As cores carregam um conjunto de possibilidades de significados/sentidos que podem ser selecionados pelos produtores/intérpretes, conforme suas necessidades comunicativas em determinado contexto (KRESS; VAN LEEUWEN, 2002). O uso das cores segue regras básicas acordadas entre os membros de uma dada sociedade.</p> <p>A cor pode ser utilizada para transmitir significados interpessoais, tais como impressionar ou intimidar o espectador com um endereçamento de poder, alertar contra perigos ou mesmo relaxar, estimular o leitor, ressaltando que informações culturais, como costumes, crenças, religião, mitos e ritos podem ser revelados pelas cores utilizadas em determinado texto.</p>
Movimento	<p>Indica gestos de afeto, interação entre os elementos- sujeitos- participantes do texto. Para Blair (1994), o movimento ocorre através da arte, simulação da vida, ou através da técnica, processo de criar movimento. O movimento propicia uma dinamicidade às cenas e favorece o processo de produção de sentidos, uma vez que contribui para a construção do enredo.</p>
Imagens	<p>Influenciam comportamento, sentimento e pensamento, de acordo com a abertura do espectador e sua capacidade de “ler” as produções imagéticas que compõem a narrativa fílmica, constituindo-se como um importante ponto de partida para as diferentes formas de valoração do mundo (ALMEIDA, 2017).</p>
Recursos sonoros	<p>São perceptíveis pela audição e contribuem para a construção da textualidade do texto multimodal e podem contradizer ou reforçar ideias ou situações que então ocorrendo no enredo do texto. A sonoridade de textos multimodais contribui para a progressão do texto, dar ideia de movimento, despertar o interesse do leitor, ideias, imprimir ritmo às ações das cenas, suscitando um direcionamento para a interpretação. Jorge (2002) destaca a banda sonora, que é constituída por elementos distintos: diálogos; música e efeitos. Silva (2013) elenca a trilha musical (tema musical), a música incidental (normalmente, instrumental que permeia as cenas do filme) e a sonoplastia (sons usados para acentuar ou suavizar ações). Para o autor, os recursos sonoros quando associados ao material visual pode funcionar como índice de espaço, tempo e ações, exercendo tanto a sua utilidade prática, quanto realçar conceitos, memórias e ideias que, em consonância com o imagético, são capazes de levar cada espectador, de maneira particular, a interpretações subjetivas e, até mesmo, metafóricas, que exigem determinado grau de sensibilidade de seus leitores.</p>
Enquadramento/ plano	<p>Influencia na interação entre os personagens (participantes da imagem apresentada) e os leitores/ espectadores, pois a aproximação/distanciamento de imagens/cenas pode sugerir uma seleção, uma ênfase e/ou uma exclusão, cuja função seria direcionar ou propor caminhos interpretativos” (SANTANA, 2018, p. 3). “porque, de certo modo, revela mais diretamente as escolhas do produtor em relação ao que será mostrado e como será mostrado” (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2019, p. 86).</p>
Perspectiva	<p>Trata-se do posicionamento que a equipe autoral ocupa ao realizar escolhas enunciativas, ou seja, quando a equipe autoral escolher determinado ângulo há um posicionamento no mundo com relação a si e ao telespectador sujeito/leitor do texto em questão (VILLARTA-NEDER; FERREIRA (2019). Assim, a perspectiva retrata a imagem através de ângulos e pontos de vista específicos, que podem estabelecer relações de poder.</p>
Expressão facial	<p>Apresenta uma complexa rede de significações, fruto da interrelação de olhos, sobrancelhas, músculos da testa, nariz, lábios, queixo. A combinação de todas essas partes do rosto, com suas diversas nuances, resulta numa vasta gama de recursos expressivos da face (ROSÁRIO, 2019) e tem como funções as emoções e as atitudes, indicando neutralidade, felicidade, tristeza, raiva, maldade ou vergonha. Entre essas principais expressões faciais, destacam-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • olhar (direção): fornece informações sobre atitudes e interesses; • pupila (tamanho): pode indicar um aumento/diminuição de interesse; • lábios (movimento): pode indicar surpresa, tristeza, alegria etc. • sobrancelha (posição): pode indicar dúvida, discordância etc.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Diante do exposto no Quadro 1, podemos pontuar que os princípios basilares da Semiótica Social, da Gramática do Design Visual e das teorias que tratam da Multimodalidade permitem uma análise mais detida das diferentes semioses constitutivas dos variados gêneros que circulam nos contextos digitais contribui, notadamente, para o processo de produção de sentidos, uma vez que no processo de leitura é preciso contemplar dimensões formais para uma adequada análise da dimensão discursiva. Dessa forma, as semioses supracitadas serão utilizadas para compor as categorias analíticas que constituem a próxima seção.

3 Analisando a videoanimação “Morte e Vida Severina”: sete cenas em destaque

Para a análise, foi utilizada como *corpus* uma videoanimação, que retextualiza a obra literária “Morte e Vida Severina”, livro de João Cabral de Melo Neto. A obra é de 1954-1955 e a videoanimação, de 2012, com direção de Afonso Serpa. Vale ressaltar que a animação foi construída a partir das ilustrações da história em quadrinhos (HQ), de mesmo nome criada pela Fundação Joaquim Nabuco em 2009. Assim, compreende-se que foi dado movimento para as imagens presentes na HQ.

Antes da apresentação da análise semiótica proposta, segue uma breve contextualização da obra literária, publicada por João Cabral de Melo Neto (1954-1955). Trata-se de uma peça literária regionalista que representa a vida dos nordestinos. Segundo Bispo (2009, p. 189), na obra podemos encontrar os seguintes traços “tradição medieval, forte religiosidade, linguagem próxima do registro oral, apresenta vários aspectos do folclore em sua construção formal, distribuídos ao longo dos dezoito trechos que compõem a obra”. Além do mais temos na obra o afastamento do hermetismo, ou seja, João Cabral de Melo Neto escreve para ser entendido pelo povo, atingindo, assim, um novo público leitor, pessoas mais simples.

A seguir, daremos início às discussões com relação ao corpus selecionado. Os recortes foram selecionados excertos do poema e frames da videoanimação e nos atentamos em realizar corte em ambos os materiais em momentos iguais, a fim de mostrar como ocorre a construção verbal (poema) e a visual (animação) de um mesmo enunciado, mas a partir de diferentes perspectivas. Ao longo das análises, serão propostas sinalizações sobre a utilização desse corpus em sua sala de aula como um material de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, levando-se em consideração as competências propostas pela BNCC (BRASIL, 2018). Essa articulação com a BNCC se pauta na busca de desenvolvimento de estratégias metodológicas que tome o documento parametrizador do ensino como referência para a formação de professores, bem como pelas sinalizações que o referido documento faz sobre a relevância do trabalho com a leitura de textos multissemióticos para a formação de sujeitos reflexivos e críticos. A seleção das competências se deu em função da relação que elas apresentam com o excerto selecionado para discussão. Reiteramos que a análise busca ilustrar possibilidades de

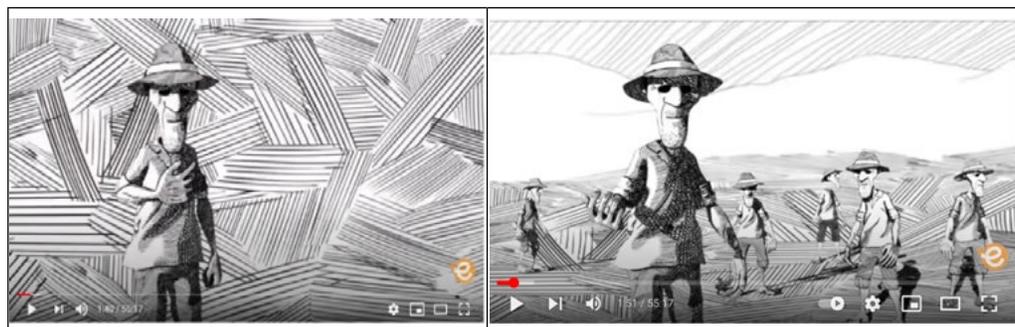
exploração dos gêneros poema e videoanimação, considerando-se o compromisso com a formação de leitores em uma perspectiva dos multiletramentos.

Quadro 2: “meu nome é Severino”

— O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias.
(excerto do poema)

Fonte: “Morte e Vida Severina”, João Cabral de Melo Neto (1955)

Figura 1: Severinos de Maria (1:40 - 1:51)



Fonte: Videoanimação “Morte e Vida Severina” (<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>)

Nos trechos apresentados do poema e videoanimação, é possível encontrar traços marcantes do regionalismo nordestino, desde paisagens semiáridas, a caatinga, a questão religiosa e o fenótipo do povo nordestino. Na videoanimação, uma retextualização do poema, podem ser identificadas diferentes manifestações sógnicas, representadas na obra por meio de elementos semióticos (cores, formas, gestos etc.).

Na Figura 1, por exemplo, a fala presente na videoanimação coincide com um dos excertos do poema, narrado com voz masculina, em primeira pessoa, como a identidade do personagem Severino da Maria do Zacarias. Aqui, cabe destacar que a integração de semioses pode favorecer o desenvolvimento de uma reflexão mais ampliada acerca dos recursos utilizados pelos produtores para o processo de produção de sentidos com relação ao personagem Severino, tais como: a) modos

de representação do personagem; b) som da viola ao fundo da fala ; c) escolhas do fundo hachurado¹² para a imagem; d) gestos do personagem; e) movimento de cenas e inserção de vários outros personagens com características semelhantes às do personagem Severino; f) escolhas de cores (preto e branco); g) enquadramento do personagem Severino etc. Essas questões podem favorecer a ampliação de habilidades relacionadas aos multiletramentos, uma vez que questões culturais e semióticas estarão implicadas no encaminhamento das discussões.

Com relação ao trabalho com textos multimodais em sala de aula, em especial, o recorte em destaque, o professor pode trabalhar com os alunos a primeira competência do documento norteador do ensino que é: “compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BRASIL, 2018, p. 87). Além disso, no Quadro 2 e Figura 1, é perceptível ao leitor/espectador a presença de coletividade, em que Severino tenta se apresentar, mas sempre indicia a coletividade. Isso ocorre pelo olhar que há sobre o povo nordestino, chegando a ser algo de teor xenofóbico, o próprio personagem chega a citar características da população pernambucana que são hostilizadas, como: “cabeça grande, ventre grande, pernas finas [...]”. Diante disso, o professor pode trabalhar com os alunos questões sociais importantes para o respeito ao próximo por meio de gêneros textuais complementares e com o auxílio do artigo 5, da Constituição Brasileira.

Figura 2: Os vários Severinos (2:21)



Fonte: “Morte e Vida Severina”, João Cabral de Melo Neto (1955) / Videoanimação “Morte e Vida Severina” (<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>)

Na Figura 2, é possível problematizar a imagem dos cactos compostos por cabeças humanas falantes. Aqui, merece destaque a presença de uma metáfora

12 De acordo com o Dicionário Online de Português (Dicio). Hachurado significa “Traços paralelos ou cruzados que se empregam nos desenhos, pinturas ou gravuras para marcar as sombras e meias-tintas. Cada um dos traços convencionais empregados na cartografia para representar os acidentes e o declive dos terrenos. (As hachuras são tanto menores e mais unidas quanto maior é o declive do terreno)”. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hachura/>>, acesso 29 de out. 2021.

visual, em que o personagem Severino tenta se apresentar como um sujeito singular, mas falha, mostrando ao telespectador/leitor que ele é apenas “mais um” Severino entre tantos outros. Na Figura, o personagem apresenta a sua condição de carência e subordinação, assumindo, assim, a “identidade da subclasse”, na qual ele não consegue se identificar como sujeito individual perante a tanto outros “Severinos iguais em tudo”. Em conformidade com Hall (2006, p. 39), “[...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”.

Ao abordar essa questão, é relevante considerar as condições de vida de milhares de brasileiros que apresentam dificuldades de inserção social. Severino sofre uma crise de identidade, quando se identifica a tantos outros iguais em tudo na vida. Aqui, merecem destaque as escolhas realizadas pelos produtores, que apresentam os personagens sob a forma de um cacto, vegetação típica nordestina, própria de espaços áridos e de contextos com baixa situação econômica. No excerto, os personagens aparecem representados de modo semelhante, ou seja, todos possuem as mesmas características físicas e como elemento sonoro identificamos um coro de vozes Severinas, o que denota a ideia de falta de singularidade.

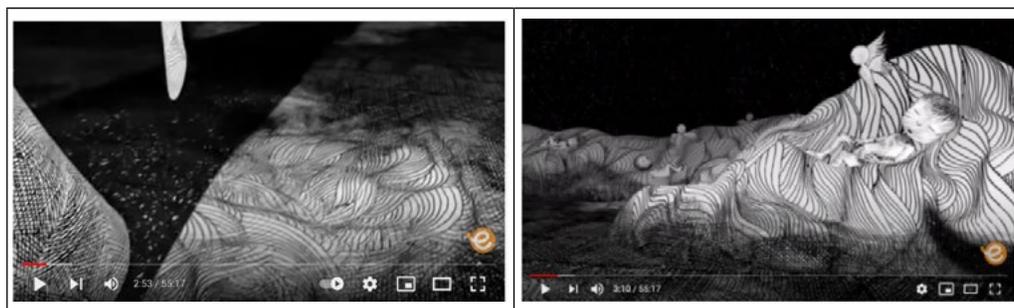
Com relação ao uso da Figura 2, em sala de aula, os professores podem fazer uso da competência seis do documento parametrizador, que defende a relevância de se: “analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais” (BRASIL, 2018, p. 87). A partir dessa competência, os docentes possuem a possibilidade de trabalhar com os alunos a leitura crítico-reflexiva diante dos posicionamentos éticos e discriminatórios existentes no trecho elencado.

Quadro 3: Representação dos tipos de morte

<p>E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida)</p> <p>Excerto do poema</p>

Fonte: “Morte e Vida Severina”, João Cabral de Melo Neto (1955).

Figura 3: Tipos de morte Severina (2:53 - 3:10)

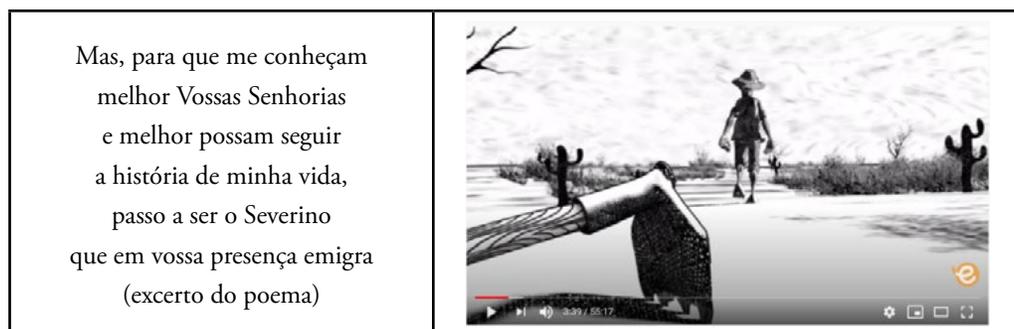


Fonte: Videoanimação “Morte e Vida Severina” (<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>)

Na Figura 3, várias questões podem ser exploradas. Nessa figura, é demonstrada a rigidez da vida nordestina, a partir da batida do bastão no chão seco e das imagens das mortes de bebês. Ao representar uma sequência de crianças doentes, há um apelo emocional, substanciado pelas imagens de anjos saindo do corpo dos bebês. Novamente, existe a possibilidade de articulação com conhecimentos prévios sobre a condição histórica dos estados nordestinos. De acordo com dados do IBGE- 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), os estados do Nordeste brasileiro possuem uma taxa de mortalidade infantil duas vezes maior do que estados do Sudeste, ou seja, a taxa de mortalidade no Nordeste é de 33,2%. Ao analisar a produção da cena, é relevante destacar o uso de cores e da iluminação, os sons, os movimentos, os enquadramentos, uma vez que esses recursos são selecionados para a construção do projeto de dizer. As escolhas indiciam o cenário de tristeza representado pelo excerto do poema.

No que tange ao Quadro 3 e à Figura 3, os professores podem fazer uso da competência oito, que sugere que haja uma seleção de “[...] textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.)” (BRASIL, 2018, p. 87). O recorte selecionado faz uso em sua construção de informações regionais. É interessante que os alunos busquem por novas informações para que possam compreender as questões exploradas e, desse modo, se posicionar perante elas.

Figura 4: Saída do campo (3:39)



Fonte: “Morte e Vida Severina”, João Cabral de Melo Neto (1955) / Videoanimação “Morte e Vida Severina” (<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>)

Na Figura 4, o destaque é para a metáfora visual. A representação da ferramenta enxada em primeiro plano e do personagem Severino focalizado em posição “de costas” apresenta-se como uma provocação para o leitor, que precisará proceder a articulação entre o signo verbal e o signo imagético, para o processo de produção de sentidos, compreendendo como um abandono da vida no sertão por parte do personagem representado. O texto mostra em seus versos a retirada do protagonista do nordeste, rumo ao litoral pernambucano, carregando consigo apenas a ideia de pertencimento de vida Severina, ele mostra o quanto ele é vítima do sistema social e geográfico ao longo de sua peregrinação.

No processo de construção dos sentidos, os planos usados nos enquadramentos das cenas são de extrema importância, uma vez que é por meio deles que se torna possível compreender e analisar como ocorreu a transposição do poema para a animação. Na Figura 4, temos Severino deixando para trás a sua enxada de lavrador para ir em busca de uma situação melhor de vida e, consecutivamente, fugir da miséria que o assola. Nesse sentido, Villarta-Neder e Ferreira (2019, p. 85) propõem que:

A percepção dos diferentes planos orienta a interpretação, uma vez que aponta direções para a compreensão do enredo da produção fílmica, além de mobilizar para a criação de novos sentidos, em que os significados não são transparentes... revela mais diretamente as escolhas do produtor em relação ao que será mostrado e como será mostrado, além de determinar o modo que está sendo criado pela produção fílmica.

Assim, o plano/perspectiva utilizada pela equipe autoral na elaboração da animação contribui para que o leitor/telespectador possua uma maior interação com o texto multimodal. Nesse viés, na Figura 4, notamos a existência de uma câmera baixa (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2019) que forma um ângulo ascendente, que coloca a enxada em primeiro plano, causando a ideia ao leitor de abandono do principal meio/ferramenta de trabalho do personagem, mas pelo fato de se tratar de um primeiro plano inclinado, a equipe autoral elenca a perspectiva de saída para Severino, que de costas viradas para o leitor e para a enxada torna-se

protagonista de sua própria vida e começa a sua perseguição rumo a uma situação melhor de vida com relação a questões geográficas e financeiras e em busca de sua própria identificação como sujeito.

No que se refere à Figura 4, é notável que o texto multimodal faz uso de semioses que dão um sentido visual para o texto verbal, a fim de o completar e não apenas ilustrar, diante disso, sugerimos o uso da competência dez, em que é proposto “mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais” (BRASIL, 2018, p. 87).

Figura 5: Conversa de Severino com a Rezadora (13:35)



Fonte: “Morte e Vida Severina”, João Cabral de Melo Neto (1955) / Videoanimação “Morte e Vida Severina” (<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>)

A linguagem corporal é um importante recurso utilizado ao longo da videoanimação. Podemos notar que a construção dos personagens representados buscou analisar essas potencialidades das expressões faciais, dos gestos, da postura etc. para o processo de produção de sentidos. Na Figura 5, inicialmente Severino com o seu chapéu em mãos conversando com uma senhora. Aqui, a análise dos gestos pode favorecer leituras interessantes sobre os processos de produção de sentidos. O gesto de tirar o chapéu da cabeça pode ser compreendido como uma ação de respeito. Os olhos fixos ao chão, os olhos distantes podem causar uma ideia de falta de interesse, mas, no caso em específico, podem sugerir outros sentimentos, tais como timidez, consideração.

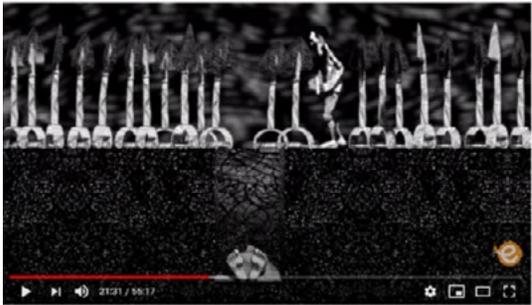
Além disso, o personagem principal está curvado para baixo, esse movimento corporal pode ser analisado como um ato de cansaço pela viagem em conjunto com a emoção de esperança de ter encontrado um lugar onde há trabalho. Com relação à idosa, observamos que ela olha diretamente para o peregrino, sugerindo a ideia de que ela está atenta ao que ele se põe a falar e inclusive tem desejo de ajudá-lo. A análise da linguagem corporal apresenta potencialidades para a construção dos personagens representados e, conseqüentemente, para a progressão da narrativa.

Ao longo de sua trajetória rumo ao litoral de Pernambuco, o personagem Severino se depara com alguns velórios e enterros, devido a sua grande fé ele sempre se aproximava do caixão para realizar as suas orações pelas “almas penadas”, mas ao se aproximar, o personagem percebe que todos os rostos que ele enxerga têm a face dele. Esse recurso de imagem ocorre para que o leitor/telespectador possa ler as produções imagéticas. Nesse contexto, o termo Severino deixa de ser um substantivo próprio e começa a ser um adjetivo. Tal recurso pode ser observado mais nitidamente na Figura 6 e em todo o percurso enunciativo até ela.

No diálogo que integra a Figura 5, é possível encontrar traços do regionalismo nordestino, assim, sugerimos o estudo da competência quatro, que se resguarda em “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2018, p. 87). Ademais, o professor, nesse momento, pode realizar uma aula conjugada com a disciplina de Geografia e abordar questões geográficas do Nordeste brasileiro, tais como: empregabilidade, violência, fontes de renda etc.

Com relação à Figura 6, o professor pode explorar a competência três: “Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo” (BRASIL, 2018, p. 87). O recorte elencado aborda um momento importante dos textos estudados que necessita de uma leitura crítica do leitor/telespectador devido à questão de extrema pobreza que ela aborda.

Figura 6: Enterro (21:31)

<p>— Essa cova em que estás, com palmos medida, é a cota menor que tiraste em vida. — É de bom tamanho, nem largo nem fundo, é a parte que te cabe neste latifúndio. — Não é cova grande. é cova medida, é a terra que querias ver dividida. — É uma cova grande para teu pouco defunto, mas estarás mais ancho que estavas no mundo. (excerto do poema)</p>	
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: “Morte e Vida Severina”, João Cabral de Melo Neto (1955) / Videoanimação “Morte e Vida Severina” (<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>)

Na Figura 6 e na sua extensão na cena retratada, há uma exploração de diferentes recursos semióticos. É relevante considerar os movimentos das pás em uma cadência musical, que indicia uma tradição cultural da região nordestina. A personificação das ferramentas também sugere uma abordagem que pode suscitar os leitores acerca das metáforas visuais construídas pela videoanimação. Além disso, a narração do poema, sob uma forma de ladainha, também pode indiciar costumes regionais. Ao longo de toda a história, Severino está fazendo uma peregrinação rio abaixo em busca de encontrar um emprego. Inúmeros nordestinos fazem a mesma peregrinação com o mesmo intuito, mas, segundo a narrativa, notamos que tal ação não resulta em uma vida melhor, muitas dessas pessoas caminham rumo à morte, pois mesmo realizando o êxodo rural, muitos camponeses não realizam, ao final da caminhada, suas expectativas, continuando a viver a mesma vida precária e sem oportunidades que resulta na morte prematura.

Nessa perspectiva, a chegada de Severino ao litoral de Pernambuco é marcada pelo diálogo entre os coveiros, que ressaltam que a jornada dos retirantes finaliza no mar, uma vez que não há empregos suficientes para eles e não há para onde se retirar, o destino é o mar que cerca o literal. Além disso, pela fala dos personagens é possível encontrar traços de xenofobia e de ódio das pessoas do interior que vão em busca de uma vida melhor. A partir desse trecho da animação, a equipe autoral faz uso da escolha da cor preta como predominante, causando a ideia de negação, devido à quebra de expectativa com relação ao que é encontrado no literal e com a falta de empatia da população de lá. Severino entra em um estado de negação, uma vez que os sonhos e os planos vivenciados durante a peregrinação foram frustrados. Com relação ao uso da cor preta na animação (ênfase na Figura 6), ela representa morte. Na Figura 6, observamos que a cor branca perdeu lugar para a cor preta, e nesse momento também, podemos verificar que Severino perdeu a esperança. Assim, se ele não morreu de fome ou de outro tipo de morte Severina, ele mesmo irá dar um jeito em sua vida. A tristeza que ocupava boa parte da cena pela representatividade da cor preta, vai perdendo espaço na medida que as pessoas/personagens se aproximam para ver o recém-nascido, que representa o nascimento da esperança (FIGURA 7), com o nascimento do filho do Seu José, há o nascimento da cor branca novamente, que retorna a ocupar o seu lugar de predominância na animação.

Figura 7: O nascimento (43:10)



Fonte: “Morte e Vida Severina”, João Cabral de Melo Neto (1955) / Videoanimação “Morte e Vida Severina” (<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>)

A forma como ambos os gêneros representam o nascimento da criança parece bem familiar, pois há várias pessoas ao redor e, no centro, o berço com a criança. Tal representação imagética parece fazer pensar no nascimento de Jesus, de modo semelhante a filmes religiosos que retratam esse episódio. O nascimento de Jesus representa na religião a renovação da esperança, e temos que a equipe autoral ao realizar essa metáfora visual pretende destacar que a cada novo nascimento no Nordeste, nasce a esperança junto. Ademais, a obra literária foi escrita para ser um ato de Natal, como se apresenta o subtítulo na própria capa do livro de João Cabral de Melo Neto, em algumas edições do livro. Assim é plausível encontrar a presença da verossimilhança entre a obra e o tempo natalino.

Além disso, na Figura 7, podemos notar o jogo de cores utilizado, outro elemento que é usado a fim de mostrar o nascimento da esperança. Temos toda a imagem é representada pela cor preta, que nos causa ideia de luto e tristeza e no centro junto ao berço, temos a cor branca espalhando a partir dele, representando a paz a felicidade.

Nesse contexto, é possível que o professor trabalhe com os alunos a competência nove: “Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura” (BRASIL, 2018, p. 87). Esse recorte faz uso de outras manifestações culturais, como a religião, em seu desenvolvimento.

A análise comparativa das semioses presentes no poema e na videoanimação pode favorecer o desenvolvimento de práticas de leitura que possibilitam o aperfeiçoamento de competências previstas pela Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2018), viabilizando não somente propostas de ensino articuladas ao contexto social em que circula gêneros constituídos por múltiplas linguagens, como também o acesso às produções culturais, que compõem o acervo literário brasileiro.

4 Considerações finais

Devido às novas tecnologias de informação e de comunicação, é notável a presença de textos multissemióticos, os quais fazem uso de diversos e variados elementos em sua composição (palavras, cores, imagens, movimento, gestos, expressões faciais, enquadramentos etc.). Essa configuração multissemiótica dos textos, que se faz presente nas produções digitais, pode trazer dificuldades de leitura para sujeitos que vivenciam a tradição marcada pelo predomínio de práticas escolares centradas em textos verbais escritos ou que ainda não vivenciaram a experiência de leitura multimodal.

Assim, a presença de textos visuais nos meios de informação e comunicação leva à necessidade de uma formação dos alunos na perspectiva multissemiótica, visto que há uma grande demanda da compreensão das informações visuais não apenas como um “adorno” da informação verbal, mas como recursos semióticos que indiciam sentidos e que contribuem para a construção do projeto de dizer.

Nesse viés, faz-se necessário que as instituições de ensino proponham metodologias em uma perspectiva dos multiletramentos, de modo a explorar os diferentes recursos que constituem as produções textuais e a favorecer uma abordagem articulada às dimensões culturais e pautada em usos concretos da linguagem.

Ademais, o uso de videoanimação em sala de aula comprova ser de grande importância para o desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa, visto que esse gênero textual possui ampla circulação em contextos digitais, faz parte do contexto social dos alunos, sua estrutura é repleta de semioses que contribuem para a formação e leitores críticos reflexivos em uma sociedade que demanda tal ação. Assim, a utilização da videoanimação “Morte e Vida Severina” apresenta ser uma importante ferramenta para o ambiente educacional multiletrado.

Por meio da pesquisa, foi possível constatar que a utilização de retextualizações de obras literárias para gêneros multimodais pode contribuir para que os alunos possuam desenvolver habilidades diversas, seja em relação às dimensões linguísticas, seja em relação às dimensões semióticas, favorecendo uma abordagem pautada na configuração discursiva da linguagem.

Constatamos, por fim, que a inserção da animação analisada, na presente pesquisa, em contextos de sala de aula pode possibilitar aos alunos uma reflexão acerca dos efeitos de sentidos possibilitados pela combinação de recursos semióticos. No entanto, vale ressaltar que a presente pesquisa não busca subestimar a leitura de obras literárias canônicas em sala de aula, mas trazer novas possibilidades e incentivos para que essas obras se façam presentes no ambiente escolar e fora dele também, visto que uma animação pode estimular o estudante/leitor a procurar a obra original, a fim de compreender os processos de produção e de recepção dos textos, em suas singularidades composicionais semióticas, dimensionando não somente as questões linguísticas e textuais, mas também culturais e ideológicas,

e, de modo especial, as questões semióticas que são indiciadoras de sentidos na sociedade da informação.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; ALMEIDA, Fernando José de. Uma zona de conflitos e muitos interesses. TV e Informática na Educação. **Salto para o Futuro**. MEC, Brasília, p. 49-54, 1998.

ALMEIDA, Rafael de. Do espectador pensativo à imagem pensativa: fotografia e filme-ensaio. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 1-14, ago. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/25025/15210>. Acesso em: 19 out. 2021.

ALVES, Marcia Maria; BATTAIOLA André Luiz; CEZAROTTO, Matheus Araújo. Representação gráfica para a inserção de elementos da narrativa na animação educacional. **Infodesign**: Revista Brasileira de Design da Informação (SBDI - Online), v. 13, p. 1-21, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2YthC9K>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2004

BELIZÁRIO, Vanilda Aparecida; SOUZA, Teciene Cássia de; RAGI, Taísa Rita. Hipermídia: contribuições para o processo de formação de professores. **Macabéa** – Revista Eletrônica do Netli, Crato, v. 10, n. 8, 2021, p. 180-190. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/3894/pdf>, acesso em 04 de jan. de 2022.

BISPO, Marlucy Mary Gama. Morte e Vida Severina - uma abordagem cultural. In: **Seminário Nacional de Literatura e Cultura - Senalic**, 2009, São Cristóvão. Anais Seminário Nacional de Literatura e Cultura - Senalic, 2009

BLAIR, Preston. **Cartoon animation**. Laguna Hills: Walter Foster, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, Disponível em: <http://basena-cionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BOULNOIS, Olivier. **Être et représentation**. Paris: Presses Universitaires de France. 1999.

FERREIRA, Helena Maria; VILLARTA-NEDER, Marco Antonio. Textualização e enunciação em texto multimodal: análise do vídeo de animação escolhas da vida. **Prolíngua**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 69-83, out./dez. 2017.

FERREIRA, Helena Maria; MELO, Guilherme; RAGI, Taísa Rita. O design de textos multissemióticos: implicações para o processo de produção de sentidos. **Revista Signos**,

Lajeado, v. 2, n. 41, p. 190-208, jun. 2020. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2586>. Acesso em: 27 set. 2021.

GUALBERTO, Clarice Lage; SANTOS, Zaira Bomfante dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **Sciel- Brasil**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-1, mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/PSDbVKD68gR4FxSRyK4zLxt/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: Editora Dp&A, 2006. 102 p.

HALLIDAY, Michael. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HODGE, Robert.; KRESS, Gunther. **Social Semiotics**. London: Polity Press, 1988.

HOLANDA, Maria Eldelita Franco. **A Multimodalidade No Cd-Rom Interchange Third Edition**: uma investigação à luz da gramática do design visual. 2013. 218 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Doutorado Interinstitucional, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11362/1/TESE%20MARIA%20ELDELITA%20FRANCO%20HOLANDA.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Observações sobre a evolução da mortalidade no Brasil: o passado, o presente e perspectivas**, 2010. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2009/notastecnicas.pdf>> Acesso 15 jan. 2021.

JORGE, Rui Pereira. Edição de som: algumas perspectivas. **Caleidoscópico**: Revista de Comunicação e Cultura. Lisboa, Portugal: Departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Vol.2, n.2, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/2YCqEW1>. Acesso em: 29 set. 2021.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour. **Visual Communication**. October 1: 343-368, 2002.

KRESS, Gunther. **Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication**. New York: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London; New York: Routledge, 2006.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Arnold, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Editora Parábola, 2008. 296 p.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. **Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN**, março de 2003.

MELLO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. Amazonas: Universidade da Amazônia, 1955. 28 p. Disponível em: Morte e Vida Severina. Acesso em: 20 ago. 2021.

NEW LONDON GROUP (NLG). “**A pedagogy of multiliteracies**: Designing social futures”. *Harvard Educational Review*, 1996, p. 60-92.

ROJO, Roxane. **Pedagogia dos Multiletramentos**: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane. MOURA, Eduardo [Orgs.]. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROSÁRIO, NÍSIA MARTINS Do. Aproximações da linguagem do corpo pela semiótica da cultura. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém PA. **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/201240>, acesso em 20 ago. 2021.

SANTANA, Cássio Santos. A política como jogo: o enquadramento de imagens no impeachment de Dilma Rousseff no jornal folha de São Paulo. In: Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste, 2018, Juazeiro. **Anais [...]**. Juazeiro: Intercom, 2018. p. 1-15. Disponível em: < R62-0482-1.pdf (portalintercom.org.br)> Acesso em: 18 out. 2021.

SANTOS, Zaira Bomfante dos; TIBURTINO, Vanessa. Aspectos Interacionais Do Discurso Multimodal Do Livro Didático De Língua Inglesa Pelo Olhar Da Semiótica Social. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 14, n. 8, p. 150-177, jun. 2019. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/1795/1228>. Acesso em: 29 set. 2021.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. A concepção de texto e discurso para semiótica social e o desdobramento de uma leitura multimodal. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 1-14, jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26994>. Acesso em: 03 out. 2020.

SANTOS, Zaira Bomfante dos; PIMENTA, Sônia Maria Oliveira. Dá Semiótica Social á Multimodalidade: A Orquestração De Significados. **Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 295-324, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7243/5272>. Acesso em: 03 out. 2020.

SILVA, Wander Lourenço da. **Escutas da imagem as resultantes do som nos componentes semióticos da linguagem visual**. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5850479-Wander-lourenco-da-silva-escutas-da-imagem-as-resultantes-do-som-nos-componentes-semioticos-da-linguagem-visual.html>. Acesso em: 19 out. 2021.

STEIN, P. Rethinking Resources in the ESL Classroom. Rethinking Resources: Multimodal Pedagogies in the ESL Classroom. **TESOL Quarterly**, v. 34, n. 2, 333-336, 2000.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing Social Semiotics**. London: Routledge, 2005

VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminda. **Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistemico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília: Edição por Elizabete Nepomuceno Raiol Lopes, 2015. 170 p.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; FERREIRA, Helena Maria. Vídeo-animação: provocações para o ensino da leitura em textos multissemióticos no PIBID/LETRAS. In SILVA, P. R. (*et al.*) [org.] **Pibid UFLA – Experiências de formação docente e interações entre Universidade e Educação Básica**. São Paulo: Livraria da Física, 2019.